

A VARIAÇÃO NA VIBRANTE FLORIANOPOLITANA: UM ESTUDO SÓCIO-GEOLINGÜÍSTICO

Isabel de Oliveira e Silva MONGUILHOTT
Universidade Federal de Santa Catarina

RESUMO

Neste trabalho, à luz da dialetologia pluridimensional, investigamos e mapeamos a variação da vibrante na fala de Florianópolis.

ABSTRACT

Under the light of pluridimensional dialectology, this paper investigates and maps thrill variation in the variety of the Portuguese spoken in Florianópolis, Brazil.

PALAVRAS-CHAVE

Vibrante, variação Lingüística, dialetologia pluridimensional.

KEYWORDS

Thrill, linguistic variation, pluridimensional dialectology

1. Introdução

Alguns estudos têm atestado, no Português do Brasil, uma série de variações em final de sílaba, dentre elas a variação ria vibrante, como

apontam os estudos de Votre (1978), Callou, Moraes e Leite (19%), Monguilhott (1998) e Monaretto (2002).

Neste estudo, pretendemos investigar e mapear a variação da vibrante na fala florianopolitana, com base no banco de dados *do Projeto Piloto Variação (Sócio-Geo) Lingüística em Florianópolis*.

Este artigo se insere na perspectiva da dialetologia pluridimensional, tal como por Radtke e Thun (1996) como a verdadeira ciência da variação, já que contempla tanto o eixo horizontal (arealidade - diatopia) quanto o vertical (socialidade). Essa perspectiva, portanto, privilegia as dimensões diastráticas (socioculturais) e diafásicas (referentes aos usos estilístico-pragmáticos), além da diatópica, como o faz a geolingüística tradicional.

2. Metodologia

A amostra pertence ao *corpus* do *Projeto Piloto Variação (Sócio-Geo) Lingüística em Florianópolis*. Esse projeto-piloto foi elaborado pelos alunos da disciplina *Tópicos Especiais em Dialetologia e 50 a Lingüística: metodologias de pesquisa*, ministrada pelos professores Dra. Edair Gorski e Dr. Felício Margotti, do programa de Pós-Graduação em Lingüística da Universidade Federal de Santa Catarina, que objetivava organizar e aplicar um instrumento-piloto, com base nos pressupostos da geolingüística pluridimensional e da sociolingüística variacionista, que servisse de ponto de partida para investigações posteriores.

No que se refere aos aspectos da sociolingüística variacionista, foram discutidas as noções de comunidade de fala, redes sociais, seleção dos informantes e planejamento da entrevista.

A definição de comunidade de fala foi, preliminarmente, pautada em

critérios geográficos, circunscritos aos limites da cidade de Florianópolis. A definição de redes sociais foi baseada em informações disponibilizadas através das fichas sociais dos informantes, que forneceram um perfil sócio-econômico-cultural da comunidade de fala estudada.

A seleção dos informantes levou em consideração critérios como:

- (1) ter nascido no bairro/arredores da cidade de Florianópolis e lá ter vivido até os 14 anos, aceitando-se que, após essa idade, o informante possa ter residido fora da localidade por um período de 2 anos no máximo; /149
- (2) ser filho de nativos do bairro/arredores da cidade de Florianópolis;
- (3) dez pontos¹ de coleta foram estabelecidos, com 4 informantes para cada um deles;
- (4) enquadrar-se no perfil etário das seguintes células:
 - a) Informante 1 - faixa etária: de 40 a 60 anos, nível de escolaridade: Ensino Médio;
 - b) Informante 2 - faixa etária: de 15 a 25 anos, nível de escolaridade: Ensino Superior;
 - c) Informante 3- faixa etária: de 40 a 60 anos, escolaridade: 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental (1ª a 4ª série);
 - d) Informante 4 - faixa etária: de 15 a 25 anos, escolaridade: 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental (5ª a 8ª série).

O planejamento da entrevista levou em conta o objetivo de reduzir a formalidade durante a coleta de dados de fala. Para tanto, definiu-se que a entrevista deveria ser realizada por dois inquiridores, contribuindo para

a espontaneidade da conversação e ainda garantindo a seqüência da entrevista sem a necessidade de interrompê-la para controle do equipamento de gravação.

Outro aspecto considerado refere-se à duração da entrevista. Visando a obter dados relativos aos temas específicos de cada um dos dez pesquisadores envolvidos no projeto e, ao mesmo tempo, realizar a coleta de dados rapidamente, foram incluídos, no instrumento de coleta de dados, apenas cinco perguntas para cada tema. Nesse sentido, optamos, também, por entrevistas com apenas um informante representando cada célula pré- selecionada, acreditando que em grupos as entrevistas seriam mais longas, devido à necessidade de maior controle do entrevistador em conduzir os períodos conversacionais de cada indivíduo.

Quanto à dimensão diatópica, o projeto-piloto delimitou a região metropolitana do distrito de Florianópolis (espaço geográfico da ilha e parte do continente) como a área a ser mapeada, observando os critérios geolingüísticos de cobrir o maior número possível de pontos na cidade de /150 Florianópolis e de delimitar as áreas urbana e rural. A inclusão das áreas rurais, por sua vez, levou em conta os preceitos geolingüísticos (cf. Altenhofen, 2002; Margotti, 2004) de que no meio rural se encontra a fala mais conservadora, o que possibilitaria um espelhamento das áreas estudadas. Os 10 pontos selecionados foram divididos, portanto, em duas áreas, sendo cinco em cada uma delas: (i) rural- Ribeirão da Ilha, Pântano do Sul, Rio Vermelho, Ponta das Canas e Ratores; e (ii) urbana - Estreito, Centro, Costeira, Monte Verde e Ingleses.

Quanto à dimensão diageracional, foram selecionadas duas faixas

etárias: 15 a 25 anos (GI) e 40 a 60 anos (GII). A escolha de informantes a partir de 15 anos foi baseada na tese de Labov (1966) de que o processo de aquisição lingüística se conclui ao final da pré-adolescência. Supõe-se também que a coleta nessas duas faixas etárias permite melhor avaliar se os fenômenos em estudo encontram-se em processo de mudança ou em variação estável. Se, por exemplo, uma variante ocorre com mais freqüência entre os jovens, e diminui à medida que a idade avança, pode-se estar diante de um caso de mudança em progresso. Ao contrário, se uma variante ocorre com maior freqüência entre os mais velhos e diminui entre os jovens, pode-se estar diante de uma variante em processo de mudança em tempo aparente.

Quanto à dimensão diastrática, foram selecionados dois níveis de escolaridade: GI - 15 a 25 anos e GII - 40 a 60 anos. Para o GI, os níveis de escolaridade correspondem ao 3º e 4º ciclos do Ensino Fundamental (5ª a 8ª séries) e ao nível superior. Os selecionados para o GII correspondem ao 1º e 2º ciclos do Ensino Fundamental (1ª a 4ª séries) e ao nível médio. O recorte desses níveis de escolaridade levou em conta um dos objetivos do projeto-piloto: observar graus de escolaridade polarizados. Como no GI há indivíduos de 15 a 25 anos, aventou-se a hipótese de que seria difícil encontrar informantes com apenas o 1º e o 2º ciclos do ensino fundamental concluídos, em função da "recente" democratização do ensino no país. Por outro lado, os indivíduos do-GII poderiam exibir baixo grau de escolaridade em alguns dos pontos selecionados para a coleta de dados. /151

Quanto à dimensão diafásica, os instrumentos de coleta priorizaram duas abordagens interacionais: (1) perguntas semidirigidas, questões mais

diretas possibilitando maior monitoração lingüística; e (2) conversa, relatos de cunho pessoal e social.

Cada um dos nove pesquisadores envolvidos selecionou um dos seguintes módulos de análise: Módulo I - Pragmático (atitude); Módulo II - Semântico-discursivo; Módulo III - Fonético-fonológico e Módulo IV - Morfossintático.

O Módulo I investigou a atitude dos informantes em relação ao local de moradia, à ilha e à língua nativa. O II verificou o uso variável dos marcadores *né?* e *não tem?* na fala "espontânea", considerando-se as narrativas como contextos prototípicos para a ocorrência desses marcadores. O III prestou-se à análise da variação na realização do Ir/ em posição de coda; da realização do arquifonema sibilante /5/ e da ocorrência de vogal epentética em sílabas do tipo CCv. O IV, por fim, objetivou examinar uma série de fenômenos, como: regência de verbos como *pisar*, *implicar*, *desobedecer*, *perdoar*, *preferir*, *usufruir*, *desfrutar* e *esquecer*, uso de *-se* indeterminador enclítico *versus* *se* indeterminador proclítico; comportamento variável do modo subjuntivo e (ir) regularidade verbal dos verbos *ver*; *vir*, *saber*, *fazer* e *trazer*.

É importante ressaltar que cada pesquisador elaborou cinco perguntas a fim de coletar as variáveis de interesse. No caso específico da vibrante em posição de coda, tema do presente artigo, os dados foram coletados a partir de um questionário fonético-fonológico, constituído das seguintes questões:

1. Quais são as armas de fogo que você conhece? (revólver, espingarda)²
2. No inverno faz frio. E no verão? (calor)

3. Quando a água da chaleira fica quente de soltar fumaça a gente diz que está ... ? (fervendo/borbulhando)
4. A carne de porco não é magra porque tem ... ? (gordura)
5. Como se chama o lugar onde o palhaço se apresenta (circo) /152

Em linhas gerais, o estudo da variação da vibrante em posição de coda silábica na fala florianopolitana teve por objetivo verificar as variantes da vibrante em função dos pontos selecionados e das faixas de idade e escolaridade estipuladas.

As hipóteses testadas foram:

- (i) Em termos de contexto lingüístico, é a posição de coda silábica que exhibe diferentes realizações da vibrante na fala florianopolitana (cf. Monguilhott, 1998);
- (ii) Em termos diatópico/diaazonal, quanto mais preservada a cultura açoriana na localidade, maiores as chances de ocorrer a variante tepe em detrimento das fricativas, já que a variante tepe é a variante típica do português europeu (cf. Furlan, 1989); a cultura açoriana é mais preservada nos pontos denominados rurais no projeto-piloto (Ponta das Canas, Rio Vermelho, Ratones, Ribeirão da Ilha e Pântano do Sul), localidades que se mantiveram mais isoladas tanto pela distância quanto pelas características mais conservadoras, possivelmente associadas ao baixo desenvolvimento populacional ou econômico;
- (iii) Em termos diageracional, quanto mais idoso, mais provável a ocorrência do tepe, já que esta é a variante mais conservadora,

predominante na fala dos colonizadores (cf. Furlan, 1989);

- (iv) Em termos diastráticos, quanto menor o grau de escolarização, maior a probabilidade de uso da variante tepe: o informante mais velho (e, conseqüentemente, o menos escolarizado) apresentará maior propensão ao uso do tepe.

3. Estudos sobre a vibrante

Vários estudos acerca da variação na vibrante já foram realizados, dentre os quais salientamos alguns. /153

Votre (1978) estuda o desaparecimento da vibrante em posição de coda na fala de alfabetizandos da área urbana do Rio de Janeiro, utilizando alguns universitários como grupo de controle. O autor verifica que a preservação da vibrante está relacionada a fatores lingüísticos e sociais. Dentre todos os fatores controlados, a variável *classe morfológica* se mostrou mais relevante, com os infinitivos liderando a queda do /r/ em oposição aos subjuntivos e nomes (substantivos e adjetivos). No que se refere aos fatores sociais, a variável escolaridade apresentou os resultados mais polarizados, com os universitários tendendo à preservação da vibrante e os alfabetizandos tendendo à queda do segmento.

Callou, Moraes e Leite (1996) em seu trabalho sobre a pronúncia do /r/ em coda silábica no PB, objetivam delimitar as áreas dialetais das cidades de Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, capitais que são objetos de estudo no Projeto Gramática do Português Falado, baseando-se na distribuição das variantes do /r/ em posição

posvocálica. Além disso, têm como objetivo observar indícios de mudança através de informantes de diferentes faixas etárias, e diferenças em termos de gênero, feminino e masculino (Callou, Moraes e Leite, 1996: 466).

Os resultados encontrados em seu estudo para a distribuição geral do /r/, sem levar em conta a distinção do contexto (posição interna ou final de palavra), nem as especificidades de cada uma das capitais investigadas, apontam para o U\SO mais recorrente da vibrante apical simples (32%), seguida do zero fonético (26%), da fricativa velar (21 %) e da fricativa laríngea (18%). Como usos menos freqüentes estão a vibrante uvular (1%), a vibrante apical múltipla (1 %) e a aproximadamente retroflexa (1%).

Os autores analisam os resultados em cada uma das capitais, tendo como valor de aplicação a variante mais recorrente: vibrantes apicais em Porto Alegre e São Paulo, fricativa velar no Rio de Janeiro e em Salvador, fricativa laríngea no Recife. Os dados coletados foram relacionados aos seguintes grupos de fatores: tipo do /r/, posição no vocábulo, tonicidade da sílaba em que se encontra o segmento, tonicidade do vocábulo na cadeia Tônica, dimensão do vocábulo, vogal antecedente, pomo e modo de /154 articulação do segmento subsequente, classe gramatical, faixa etária, região e gênero.

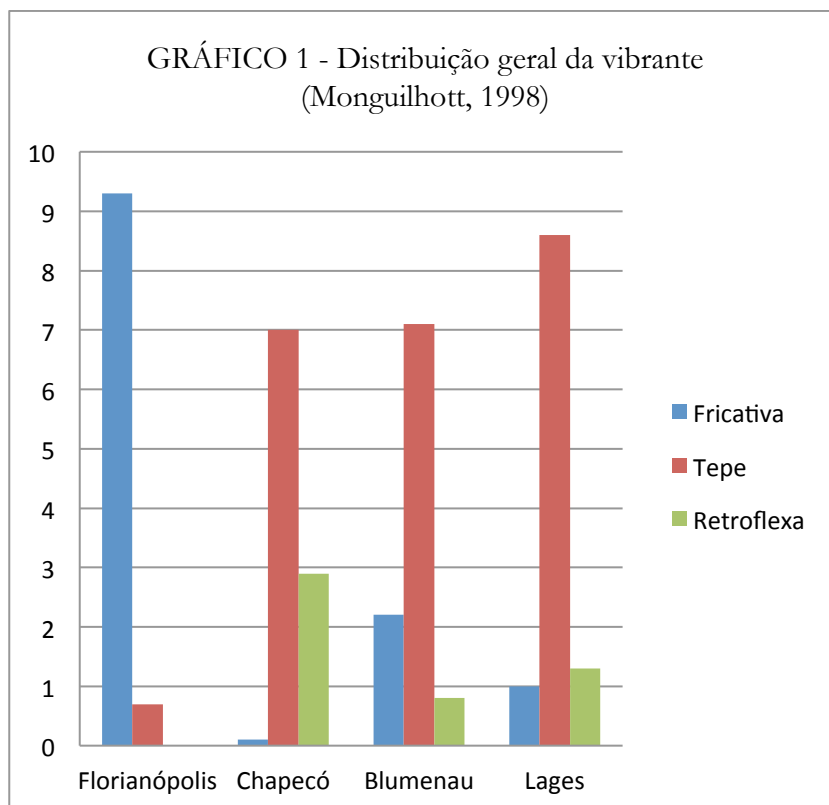
Verificou-se, nas análises feitas com os resultados de cada uma das cidades, que os fatores condicionadores são bastante variáveis, o que, de acordo com os autores, significa que" [...] a diferenciação dialetal não se resume apenas a percentuais de ocorrência de uma determinada realização, podendo-se definir também , em termos de grupos de fatores

e de fatores condicionantes (Callou, Moraes e Leite, 19096: 489)

Monguilhott (1998), objetivando investigar quais variantes (tepe, fricativas velar e glotal e retroflexa) predominavam entre os falantes das diferentes etnias das cidades catarinenses que fazem parte do Banco de Dados Varsul (Lages, Blumenau, Chapecó e Florianópolis), controlando fatores lingüísticos e extralingüísticos³ em 720 ocorrências, verificou que os falantes da cidade de Florianópolis privilegiam o uso da fricativa e os informantes de Lages, Chapecó e Blumenau tendem mais a usar a variante tepe. A variante retroflexa, dentre todas as etnias, é mais usada na fala dos informantes de Chapecó. Observamos o panorama geral dos resultados na tabela e no gráfico a seguir.

Tabela 1: Distribuição geral da vibrante

Cidades	Ocorrências/ Frequência	Fricativa	Tepe	Retroflexa	Total
Florianópolis	Nº ocorrências	167	13	0	180
	Frequência	93	7	0	100
Chapecó	Nº ocorrências	2	126	52	180
	Frequência	1	70	29	100
Blumenau	Nº ocorrências	39	127	14	180
	Frequência	22	71	8	100
Lages	Nº ocorrências	1	15	24	180
	Frequência	1	86	13	100
Total	Nº ocorrências	209	421	90	720
	Frequência	29	58	13	100



Na Tabela 1 e no Gráfico 1, verificamos que há uma distribuição bastante desigual das variantes em cada cidade. Atribuímos os resultados à etnia característica de cada uma delas.

A cidade de Florianópolis, conforme Costa e Knies (1995), recebeu no período de 1748 a 1756 um forte número de imigrantes das Ilhas dos Açores e Madeira. Esses habitantes ocuparam o território da ilha catarinense com o objetivo de dar suporte ao abastecimento de tropas portuguesas que tentavam manter o domínio da área disputada com os

espanhóis e, com o passar do tempo, foram se estabelecendo em Florianópolis. Com a melhoria de infra-estrutura e serviços, a cidade tem recebido grande acréscimo à sua população, pessoas de diversas culturas e etnias (gaúchos, paulistas, cariocas etc.), o que pode implicar em substituições lingüísticas em função do contato com dialetos distintos. Na fala dos florianopolitanos houve um predomínio da variante fricativa (93%), algum uso da variante tepe (7%) e nenhuma ocorrência da variante retroflexa (0%). /156

Segundo Costa e Knies, a área de Chapecó foi colonizada no início deste século, após a solução da questão do Contestado, por volta de 1914. A Companhia de Colonização Berraso e Maia atraiu colonos gaúchos, principalmente das antigas colônias italianas, para comprar seus lotes coloniais. Pudemos observar, através dos nossos dados, que a variante tepe alcançou o maior percentual na cidade de Chapecó (70%), que se explica pela influência italiana, principalmente dos dialetos vênéticos da Região Norte da Itália, de onde veio grande contingente de imigrantes para Santa Catarina, que apresenta, predominantemente, a variante ápico-dental (Margoni, 2004). A variante retroflexa apresentou 29% de uso e houve apenas 1 % da variante fricativa.

Ainda de acordo com Costa e Knies, a colônia de Blumenau foi fundada como um empreendimento particular de colonização estrangeira. O fundador visitou várias comunidades alemãs nos três estados do sul, desenvolvendo a partir daí uma série de idéias sobre como organizar esse tipo de empreendimento. A partir de 1865, teve dificuldades de conseguir mais imigrantes alemães, recorrendo ao imperador da Áustria, para manter a "homogeneidade" lingüística da

colônia. Recebeu, porém, uma leva de imigrantes com passaportes austríacos, mas falantes de italiano, originários da província de Trento, então ainda sob domínio austríaco. Em 1880, Blumenau passou à categoria de município, começando, a partir daí, um processo de industrialização, com uma diversificação que fez de Blumenau o protótipo da colônia bem-sucedida. A cidade de Blumenau registrou alto número de ocorrências da variante tepe (71 %). A variante fricativa também foi bastante utilizada pelos informantes de etnia alemã (22%). Os casos de ocorrência da variante retroflexa (8%) foram de apenas 02 informantes (12 casos de um informante do sexo masculino e 02 casos de um informante do sexo feminino).

A população inicial de Lages, como apontam Costa e Knies, foi vicentista, e, com a criação das fazendas de gado e invernadas, cresceu o comércio de *tropas* que iam do *Campo das Vacarias* até São Paulo e Minas pelo *Caminho dos Tropeiros*. Outro caminho foi aberto ligando Lages a /157 Viamão e a Desterro, estabelecendo novas rotas para a venda de charque e tropas de gado. A população bandeirante inicial, mesclada com índios das Missões jesuíticas, criou na área uma cultura gauchesca, bastante diferenciada da área litorânea do Estado. Atualmente, além da população luso-brasileira inicial, Lages conta, entre outros, com número significativo de italianos, alemães, libaneses, adaptados à cultura serrana da bombacha e do chimarrão. É, na verdade, uma extensão da cultura gauchesca que se estende desde a Argentina até o Mato Grosso do Sul. Os informantes de Lages, provavelmente pelo contato com diferentes grupos étnicos, principalmente, os bandeirantes, apresentaram uma percentagem significativa da variante retroflexa (13%). A variante

predominante dos informantes lageanos foi a tepe (86%), o maior percentual dentre as quatro etnias investigadas.

Monaretto (2002) investiga o /r/ em final de sílaba em três amostras de fala de Porro Alegre coletadas em épocas diferentes (Nurc, 1970; Varsul, 1989; Varsul ampliada, 1999). Retomando resultados de estudos anteriores (1992, 1997, 2000), a autora registrou uma série de fenômenos: a predominância do tepe na fala dos informantes da capital gaúcha na posição de coda (60%), o alto índice de apagamento (25%) e, ainda, a pouca recorrência das variantes fricativa velar (1 %), vibrante alveolar (9%) e retroflexa (5%).

Nos resultados da sua pesquisa de 2002, a autora atestou que, dentre as variantes da vibrante da fala porro alegreense analisadas em seus estudos anteriores, duas apresentaram mudança entre 1970 e final da década de 1990: o uso da variante tepe diminuiu, ao passo que o apagamento do /r/ aumentou.

Monaretto conclui, então, que a variante típica da fala de Porto Alegre em posição posvocálica, o tepe, vem sendo substituída pelo apagamento da vibrante, variante característica de outras regiões do país.

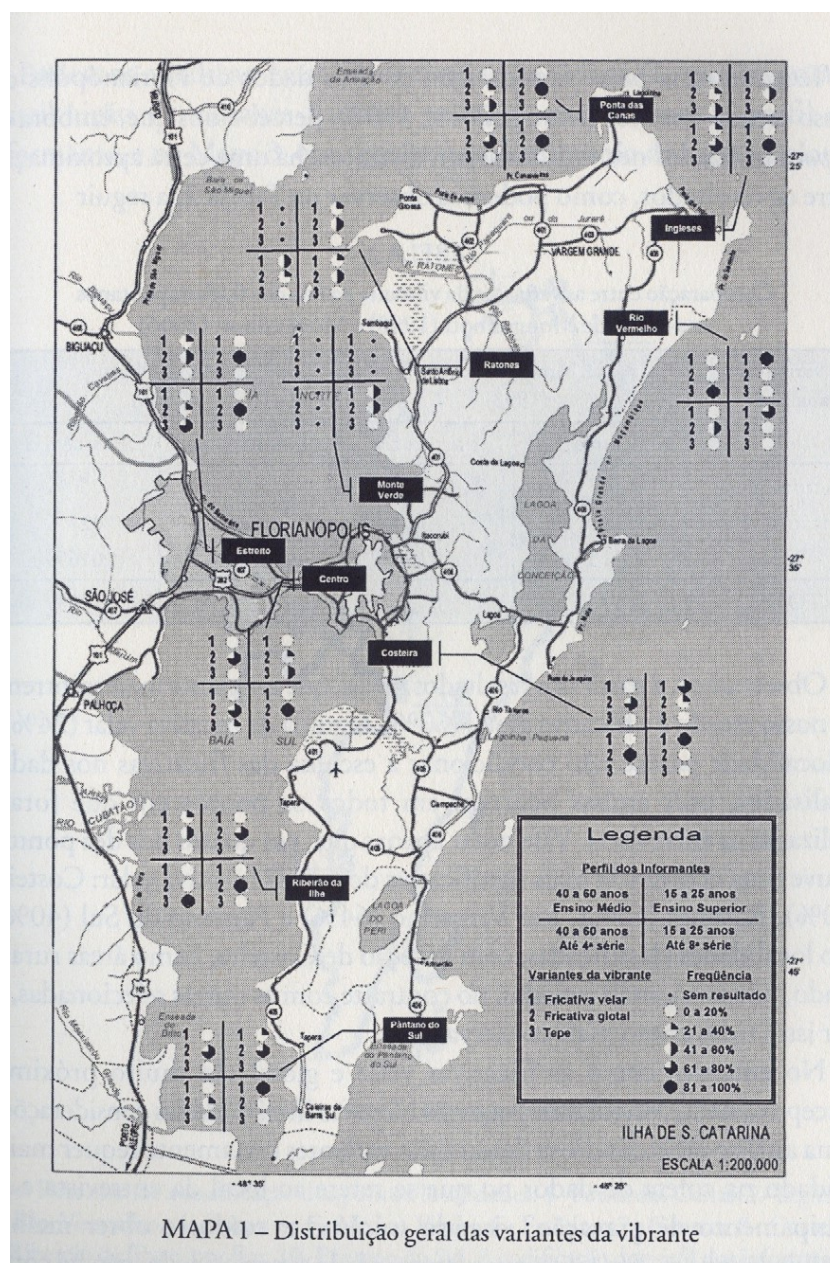
Para finalizar, apresentamos a descrição feita pelo Atlas Lingüístico e Ernográfico da Região Sul (Alers). Os mapas do Alers, que se referem ao ponto 551 de Florianópolis, evidenciam o uso da vibrante em posição de coda em cinco vocábulos: *go(r)dura*, *coirlta*, *co(r)da,fe(r)vendo*, *calo(r)*. O /
158 informante da localidade da Costeira do Ribeirão, zona rural, 57 anos, escolaridade 3ª série, lavrador e pescador, produziu 60% da variante tepe e 40% da variante fricativa velar.

4. A análise dos dados

Tomando como ponto de partida nosso estudo anterior (Monguilhott, 1998), em que atestamos a etnia como fator determinante para a variação da vibrante, iremos investigar e mapear a variação da vibrante nos diferentes pontos da cidade de Florianópolis selecionados de acordo com o projeto-piloto, descrito na seção 2.

N a amostra analisada, há uma evidente variação da vibrante. As variantes encontradas foram: fricativa glotal [h, h], fricativa velar [x, Y] e tepe [ɖ]. As fricativas variam de acordo com seu grau de vozeamento (desvozeadas e vozeadas) em função do ambiente em que ocorrem.

A partir da transcrição dos dados, obteve-se um total de 173 ocorrências da vibrante em posição de cada (medial e final de palavra). Desse total, 103 ocorrências são de fricativa glotal (60%), 42 de fricativa velar (24%) e 28 da variante tepe (16%). Podemos observar no Mapa 1, a seguir, a distribuição das variantes em cada um dos pontos geográficos em que foi realizada a coleta de dados.



MAPA 1 – Distribuição geral das variantes da vibrante

/160 Tecendo uma breve comparação com os dados de Florianópolis do nosso estudo anterior (Monguilhott, 1998), percebemos que, embora os *corpora* utilizados nos estudos sejam distintos, há uma certa aproximação entre os resultados, como podemos observar na Tabela 2, a seguir

TABELA 2

Comparação entre as variantes da vibrante na fala dos florianopolitanos nos dados de Monguilhott (1998) e Monguilhott (2006)

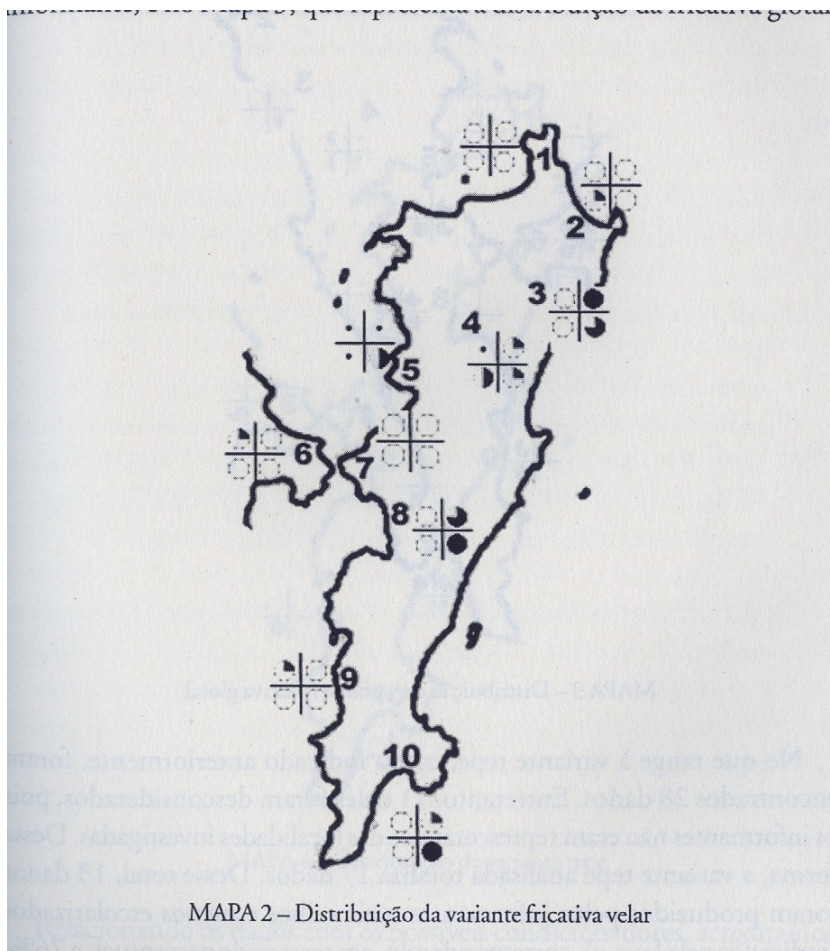
Variantes analisadas	Monguilhott(1998)		Monguilhott(2006)	
	Nº ocorrências,	Frequência,	Nº ocorrências	Frequência
Fricativa glotal	167	093%	103	060%
Fricativa velar			42	024%
Tepe	013	007%	28	016%
TOTAL	180	100%	173	100%

Observamos, a partir dos resultados gerais, que a variante mais recorrente no nosso estudo é a fricativa glotal (60%), seguida da fricativa velar (24%).⁴ A localidade parece não condicionar a escolha das fricativas nos dados analisados, pois ambas ocorrem em todos os pontos em que foram realizadas as entrevistas. Vale notar apenas que, em quatro dos dez pontos, houve uma ocorrência mais significativa do uso da fricativa velar: Costeira (40%), Ratones (46%), Rio Vermelho (64%) e Pântano do Sul (40%). São localidades classificadas, com exceção de Costeira, como áreas rurais, sendo, portanto, mais isoladas, no contraste com as outras selecionadas, e, por isso, tidas como mais conservadoras.

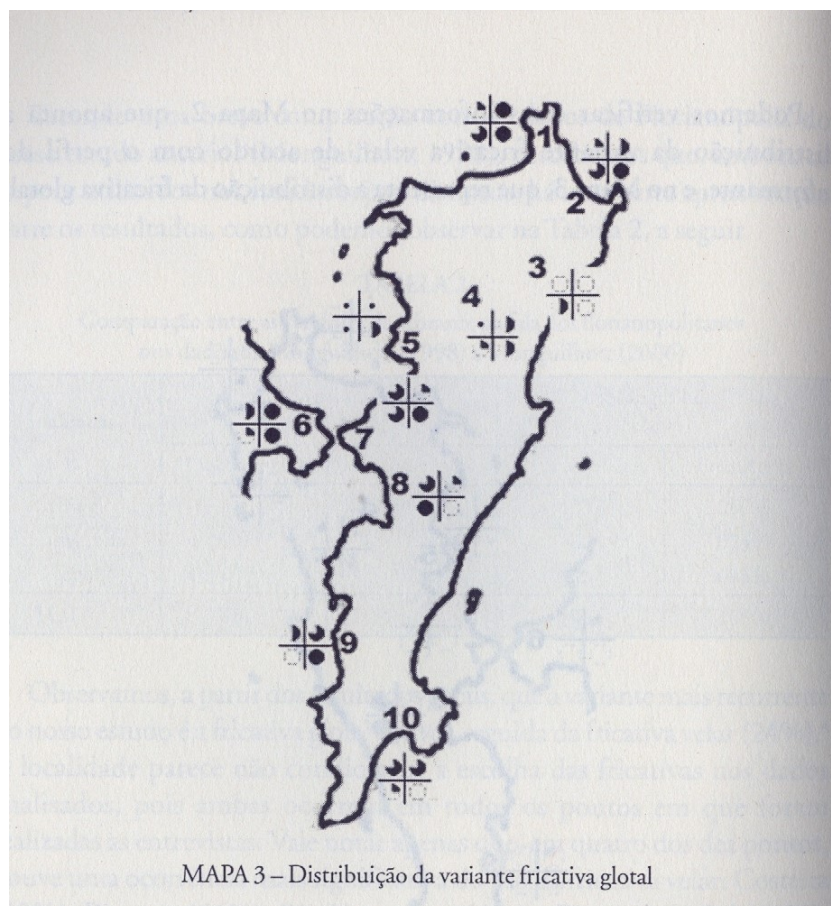
No entanto, como as fricativas velar e glotal são muito próximas perceptivamente, acreditamos que não há como investir nessas considerações. Uma análise mais criteriosa dessas duas variantes

certamente requer maior cuidado na coleta de dados no que se refere ao local da entrevista e ao equipamento de gravação, visando minimizar ruídos e obter melhor qualidade sonora. Em relação aos fatores idade e escolaridade, não há como verificar qualquer condicionamento, já que as fricativas ocorrem em todas as faixas etárias e em todos os graus de escolaridade. /161

Podemos verificar essas informações no Mapa 2, que aponta a distribuição da variante fricativa velar, de acordo com o perfil do informante, e no Mapa 3, que representa a distribuição da fricativa glotal.



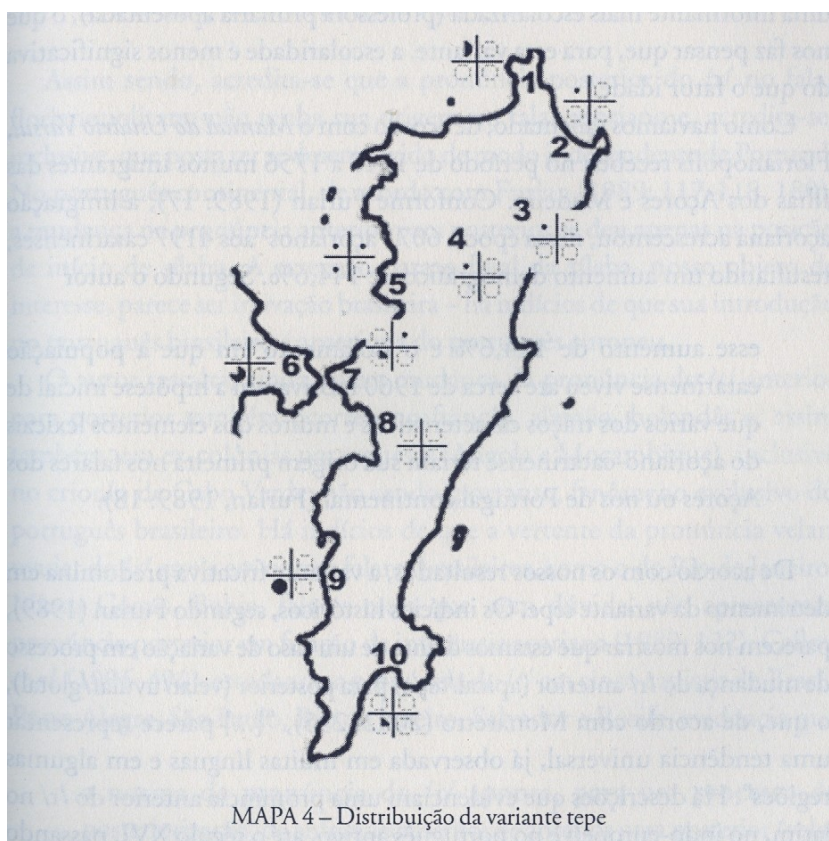
Obs. Retomamos a codificação dos pontos/localidades: 1-Ponta das Canas; 2-Ingleses; 3-Rio Vermelho; 4-Ratones; 5-Monte Verde; 6-Estreito; 7-Centro; 8-Costeira; 9-Ribeirão da Ilha e, por fim, 10-Pântano do Sul. A codificação do perfil dos informantes e da frequência permanecem as mesmas do mapa 1. /162



No que tange à variante tepe, como indicado anteriormente, foram encontrados 28 dados. Entretanto, 11 deles foram desconsiderados, pois os informantes não eram representativos das localidades investigadas. Dessa forma, a variante tepe analisada totaliza 17 dados. Desse total, 13 dados foram produzidos pelos informantes mais velhos e menos escolarizados (indicados pela letra c), correspondendo, em termos de percentual, a 76%, o que parece

significativo e vai ao encontro de uma das nossas hipóteses. Dos quatro dados restantes, três foram ocorrências de uma informante também mais velha, mas com nível médio de escolaridade, e a outra ocorrência foi de uma jovem com nível superior. /163

No Mapa-4, observamos a distribuição da variante tepe nos pontos geográficos onde os dados foram obtidos, com os dados dos informantes não representativos das localidades analisadas já excluídos.



Relacionando os dados com os possíveis condicionadores, acreditamos que os pontos geográficos interferiram, de algum modo, na escolha da variante tepe, pois, mesmo havendo ocorrência do tepe em 7 das 10 localidades investigadas, registrou-se uma diferença no total dos dados. Dos dezessete dados considerados, onze ocorrem na zona rural (65%) e seis, na zona urbana (35%). Dessa forma, a hipótese de que quanto mais preservada a cultura açoriana maiores as chances de ocorrer a variante tepe parece se confirmar nos dados analisados. Além disso, não podemos deixar de considerar a influência da idade, pois aparecem ocorrências também de uma informante mais escolarizada (professora primária aposentada), o que nos faz pensar que, para essa variante, a escolaridade é menos significativa do que o fator idade.

Como havíamos salientado, de acordo com o *Manual do Usuário Varsul*, Florianópolis recebeu no período de 1748 a 1756 muitos imigrantes das Ilhas dos Açores e Madeira. Conforme Furlan (1989: 17), a imigração açoriana acrescentou, nessa época, 6071 açorianos⁵ aos 4197 catarinenses, resultando um aumento demo gráfico de 144,6%. Segundo o autor

esse aumento de 144,6% e o isolamento em que a população catarinense viveu até cerca de 1960 motivaram a hipótese inicial de que vários dos traços característicos e muitos dos elementos lexicais do açoriano-catarinense teriam sua origem primeira nos falares dos Açores ou nos de Portugal continental (Furlan, 1989: 18).

De acordo com os nossos resultados, a variante fricativa predomina em detrimento da variante tepe. Os indícios históricos, segundo Furlan (1989), parecem nos mostrar que estamos diante de um caso de variação em processo de mudança do /r/ anterior (apical/tepe) para posterior (velar/uvular/glotal) o que, de acordo com Monaretto (2002: 255), "[...] parece representar uma tendência universal, já observada em muitas línguas e em algumas regiões". Há descrições que evidenciam uma pronúncia anterior do /r/ no latim, no indo-europeu e no português antigo, até o século XVI, passando a posterior na segunda metade do século XIX (Furlan, 1989: 120-121).

Furlan evidencia que ainda hoje a velarização do /r/ apresenta pouca difusão nos falares açorianos:

Para Rogers (1948 e 1950), a pronúncia "apical" é a que predomina, salvo no Faial, onde a velar parece ser mais comum (Furlan, 1989, p.120) /165 o /r/ em final de sílaba, soa apical, como no Continente, embora em algumas freguesias de São Miguel tenha sido registrado como uvular quando seguido de In,l/, como em carne, Carlos (Medeiros, 1964: 42 *apud* FURLAN, 1989: 71).

Assim sendo, acredita-se que a pronúncia posterior do /r/ no falar florianopolitano não tenha sua origem no falar açoriano e, acredita-se, inclusive, que possa ter se desenvolvido de modo independente de Portugal. No português continental, de acordo com Furlan (1989: 117-118, 180), a mudança na pronúncia anterior para posterior se deu apenas na posição de início de sílaba. A extensão para o final da sílaba, nosso

objeto de interesse, parece ser inovação brasileira - há indícios de que sua introdução no português brasileiro é anterior a do português europeu.

O autor ressalta, ainda, que a mudança da pronúncia do /r/ anterior para posterior também ocorreu no francês, alemão, holandês e, assim também, em ex-colônias portuguesas (Angola e Moçambique), inclusive no crioulo de Cabo Verde, não sendo, portanto, fenômeno exclusivo do português brasileiro. Há indícios de que a vertente da pronúncia velar /uvular do /r/ esteja em outros falares brasileiros, como o do Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, falares estes que, sem dúvida, não apresentam pronúncia posterior em função da influência açoriana (1989: 122). Callou *et al.* (1996: 490), estudando a pronúncia do /r/ em cinco capitais do Brasil, Porto Alegre, São Paulo, Rio de Janeiro, Salvador e Recife, evidencia que a norma de pronúncia do *lr* aponta, para um processo de posteriorização, de enfraquecimento: de anterior para posterior (velar ou laríngeo), com eventual mudança de modo de articulação de vibrante para fricativa, em posição medial, chegando até a cancelar-se, em posição final.

A hipótese de Furlan (1989: 122) de que o /r/posterior" [...] parece ser um fenômeno urbano com origem nas classes superiores das cidades e só lentamente haver penetrado na pronúncia da gente da província" poderia /166 justificar, então, o fato de a variante tepe, aparecer, em nosso estudo, nos pontos denominados rurais e na fala de informantes menos escolarizados.

Baseando-nos nas investigações do autor, parece ficar claro que a variante tepe que ainda se atesta na fala de florianopolitanos mais velhos, menos escolarizados, residentes de localidades mais isoladas, é um

resquício de uma variante trazida pelos imigrantes colonizadores. Há indícios, no entanto, de que a variante tepe está em processo de mudança de uma realização anterior para posterior, seja fricativa velar ou glotal, já que não se encontra o tepe na fala dos mais jovens.

5. Considerações finais

Neste artigo, analisamos e mapeamos as variantes da vibrante em coda silábica que ocorreram na fala de 40 informantes distribuídos em dez localidades de Florianópolis. As variantes encontradas foram relacionadas às dimensões diatópica /diazonal (pontos selecionados /zonas), diageracional (idade) e diastrática (escolaridade).

Como nos outros estudos sobre a variação da vibrante no português brasileiro, encontramos alto índice de variação na amostra selecionada. Das 173 ocorrências, 103 foram de fricativa glotal (60%), 42 de fricativa velar (24%) e 28 de tepe (16%).

Em relação à dimensão diatópica/diazonal, parece não ter havido influência na escolha das fricativas, pois essas variantes ocorreram em todas as localidades. Por outro lado, no que se refere à variante tepe, essa dimensão se mostrou relevante, já que 65% dos dados ocorreram nos pontos classificados como rurais, resultado este que, segundo nossas hipóteses, se justifica por serem localidades mais isoladas, que conservaram os traços lingüísticos dos colonizadores. O tepe, originário dos colonizadores, é a variante mais conservadora na fala florianopolitana e, pelos registros de Furlan (1989), ainda a mais recorrente na maioria das ilhas dos Açores e em Portugal Continental (cf. Furlan, 1989: 120).

No que tange às dimensões diageracional e diastrática, percebemos que, em relação às variantes fricativas, não se verificou qualquer condicionamento: /166/ elas ocorreram em todas as faixas etárias e em todos os níveis de escolaridade. Já no que se refere à variante tepe, verificou-se certo condicionamento: 76% dos dados foram produzidos pelos informantes mais velhos e menos escolarizados, confirmando, assim, a hipótese de que o tepe é a variante mais conservadora. Por fim, assim como outros autores (cf. Furlan, 89; Callou *et al.*, 1996; Monaretto, 2002) apontam para o português brasileiro, acreditamos que estamos diante de um processo de mudança também na fala florianopolitana, do /r/ anterior para posterior, haja vista nossos resultados gerais - 84% de uso das fricativas, 16% de uso do tepe, acrescidos do fato de não termos registrado a variante tepe na fala dos *mais* jovens.

Notas

Referências

- ALTENHOFEN, Cléo Vilson. Áreas lingüísticas do português falado no Sul do Brasil: um balanço das fotografias lingüísticas do ALERS. In: VANDRESEN, Paulino. *Variação e mudança no português falado da região Sul*. Pelotas: Educar, 2002. p. 115-145.
- CALLOU, Dinah Maria Isensee; MORAES, João; LEITE, Yonne. Variação e diferenciação dialetal: a pronúncia do /r/ no português do Brasil. In: KOCH, Ingedore (Org.). *Gramática do português falado*. Campinas: UNICAMP, 1996. v. 6, p. 465-493.

COSTA, Iara B.; KNIES, Clarice B. (Org.). *Manual do usuário Banco de Dados Lingüísticos VARSUL*, 1995. Mimeografado.

FURLAN, Oswaldo Antônio. *Influência açoriana no português do Brasil em Santa Catarina*. Florianópolis: Ed. UFSC, 1989.

KOCH, Walter; KLASSMANN, Mário Silfredo; ALTENHOEN, Cléo Vilson (Org.). *Atlas Lingüístico-Etnográfico da Região Sul do Brasil (ALERS)*. Porto Alegre: Ed. UFRGS; Florianópolis: Ed. UFSC, Curitiba: Ed. UFPR, 2002. v. 1- Introdução e v. 2 - Cartas fonéticas e morfossintáticas.

LABOV, William. *The social stratification of English in New York City*. Washington: Center of Applied Linguistics, 1966.

MARGOTTI, Felício Wessling. *Difusão sócio-geográfica do português em contato com o italiano no sul do Brasil*. 2004. Tese (Doutorado), Porto Alegre, UFRGS, - 2004. /168

MONARETTO, Valéria Neto de Oliveira. A vibrante pós-vocálica em Porto Alegre. In: BISOL, Leda; BRESCANCINI, Cláudia (Org.). *Fonologia e variação: recortes do português brasileiro*. Porto Alegre: FAPUCRS, 2002. p. 253-268.

MONGUILHOTT, Isabel de Oliveira e Silva. A influência da etnia na vibrante catarinense. In: SEMINÁRIO DE INICIAÇÃO CIENTÍFICA DA UFSC, 8. *Anais do VIII Seminário de Iniciação Científica da UFSC: caderno de resumos*. Florianópolis: Imprensa Universitária, 1998. p. 330.

RADTKE, Edgar; THUN, Harald. Nuevos caminos de la geolingüística románica. Un balance. In: RADTKE, Edgar; THUN, Harald (Org.).

Neue Wege der Romanischen Geolinguistik. Akten des Symposiums Empirischen Dialektologie (Heidelberg/Mainz, 21-24.10.1991 Kiel: Westensee-Verlag, 1996. p. 25-49.

VOTRE, Sebastião Josué. *Aspectos da variação fonológica na fala do Rio de Janeiro*. 1978. Tese (Doutorado), Rio de Janeiro, PUC-RJ, 1978. /170

Notas

* Artigo de qualificação de doutorado aprovado pelo Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina. Agradeço aos professores doutores Felício Wessling Margotti, Paulino Vandresen, Elisa Battisti e Izete Lehmkhul Coelho pela leitura e pelas valiosas sugestões.

¹ Os bairros/pomos de coletas de dados são: Ponta das Canas, Pântano do Sul, Rio Vermelho, Ratones, Monte Verde, Esreito, Centro, Ribeirão da Ilha, Costeira e Ingleses.

² As quatro primeiras questões foram retiradas do questionário fonético-fonológico do ALERS (Koch, Klassmann, Altenhofen, 2002). Os itens entre parênteses eram as respostas esperadas; caso não ocorressem, mesmo com a intervenção do entrevistador, a instrução era mostrar a resposta escrita para que fosse lida pelo informante.

³ Os fatores lingüísticos controlados foram: contexto seguinte (pausa, consoantes e vogais), contexto precedente ([f],[c],[x],[a],[j],[o],[u]), ocorrência (na coda, no interior da palavra ou na coda, em final de palavra), tonicidade da sílaba (tônica, pretônica ou postônica) e classe de palavra (substantivo, verbo, adjetivo, preposição, conjunção, advérbio, pronome e numeral). Já os fatores extralingüísticos controlados foram: etnia italiana -'Chapecó, alemã - Blumenau, açoriana - Florianópolis e tipicamente gaúcha (Lages), idade (de 15 a 30 anos, de 39 a 55 anos e de 63 a 74 anos) e sexo. /168

⁴ Vale ressaltar que Monguilhott (1998) não registrou nenhuma distinção entre as variantes fricativa velar e fricativa glotal.

⁵ Segundo Furlan (1989: 177) os açorianos estabeleceram-se no litoral central de Santa Catarina (de Laguna ao Rio Camboriú), procedendo das ilhas de São Miguel (328), Terceira (912), Graciosa (772), São Jorge (2822), Pico (1776), Faial (1207) e da Madeira (579).